

Textos:  
João Terras e  
Joana Mendonça

Design:  
José Filipe de Alexandre

Direção:  
Manuela Matos Monteiro  
e João Lafuente

Direção Artística:  
José Maia

Assistente de Galeria/  
Comunicação:  
Patrícia Barbosa

Vídeo:  
Cristiana Fernandes

Espaço MIRA  
Rua de Miraflor 159,  
4300-334 Porto

miragalerias.net

I  
LINGVISTA / THE LINGUIST, #1 [2021]  
texto sobre papel [29,5x42cm] e  
capa plástica [33,5x44cm]

II  
ZumZum [2021]  
instalação com capas de livros  
dimensões variáveis

III  
ZumZum \_ atelier [2021]  
instalação com materiais fotográficos,  
pranchetas, pastas, cadernos e elementos gráficos

IV  
ZumZum, #2 [2021]  
vídeo 11'57''

V  
ZumZum, #3 [2021]  
14 serigrafia sobre papel offset  
[49 x 64,5cm cada]

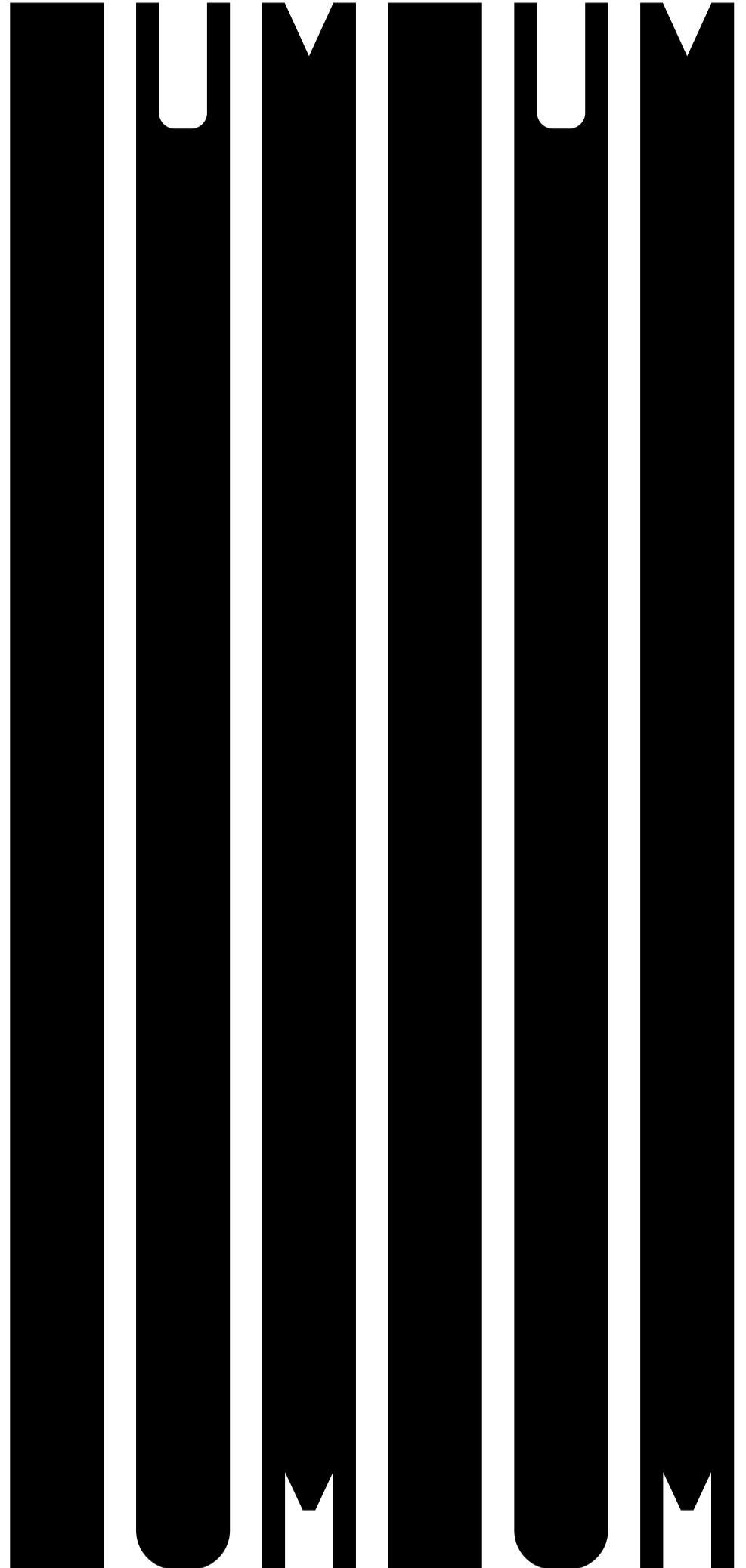
VI  
LINGVISTA / THE LINGUIST, #2 [2021]  
texto, sobre papel [29,5x42cm] e  
capa plástica [33,5x44cm]

VII  
TEMPO, TEMPO, STOPPZEIT! KLANGZEITFIGUREN [2021]  
vídeo 19'19''

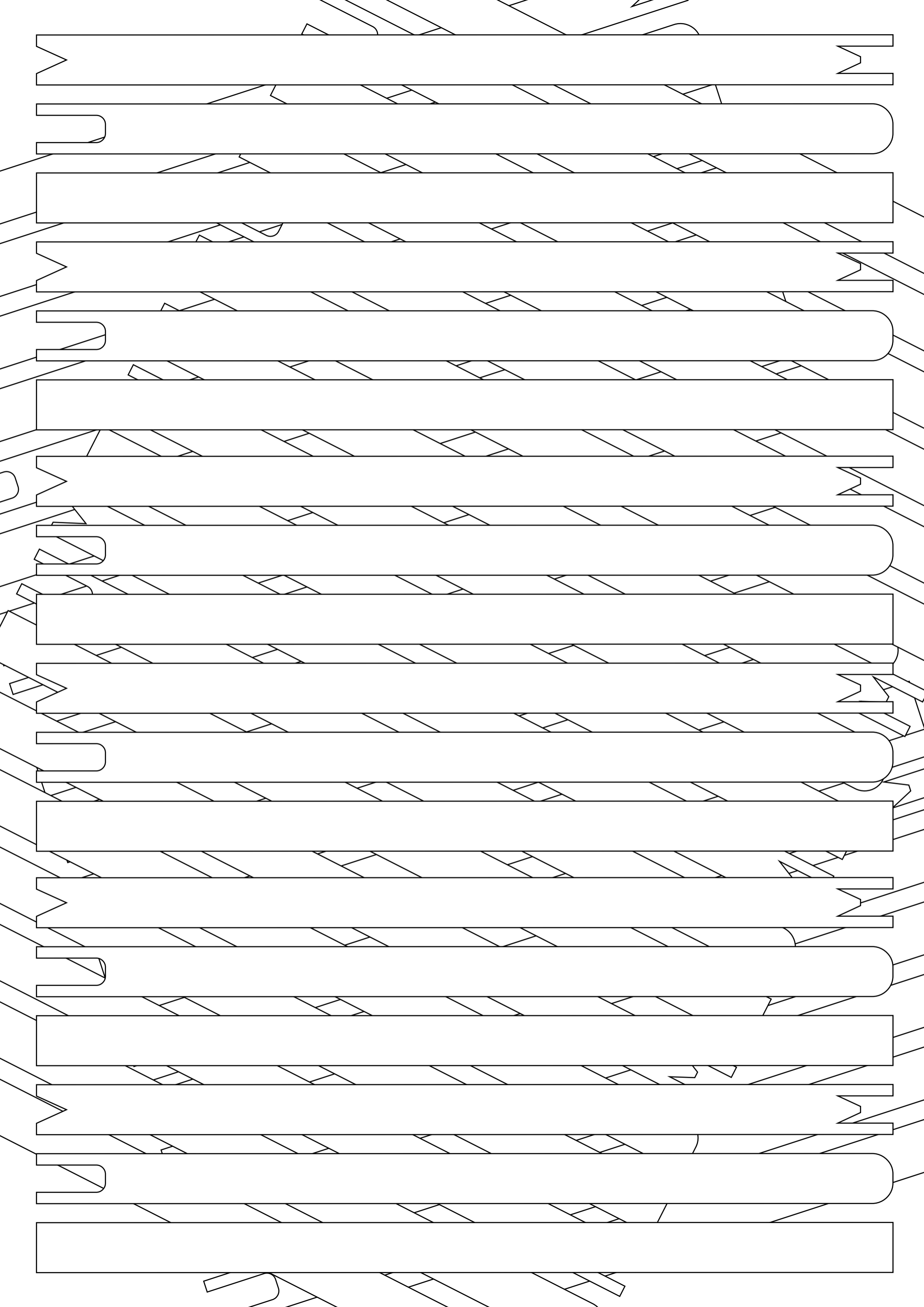
VIII  
IN GIRUM III [2021]  
vídeo 25'22''

IX  
ZumZum, #4 [2021]  
goma bicromatada sobre papel aguarela  
[aprox. 25 x 35cm], impressões fotográficas sobre  
papel [30,5 x 42cm], papel fotográfico virgem em  
processo de exposição [30,5 x 42cm],  
outdoor plástico [200 x 300cm] e 200 dados

X  
LINGVISTA / THE LINGUIST, #3 [2021]  
texto sobre papel [29,5x42cm] e capa plástica  
[33,5x44cm]



curadoria  
José Maia e João Terras



No dossel florestal das mais densas florestas, destes lugares da mais antiga existência, desses alicerces arquitetónicos da civilização, no dossel das florestas, onde a copa das árvores se funde com o negro dos céus é o zumbido que lhes dá o corpo e alma. A ordem está no restolhar das folhas, no zumbido dos insetos e répteis, no zumbido, no zum, zum.

O fonema das florestas é o seu corpo de vozes múltiplas, indomável, indecifrável.

A floresta é uma polifonia de corpos, movimentos e danças. Da micro à macro escala, do plano ao volume, do voo picado ao plano rastejante e ao subsolo.

Creio que por tal deriva será a floresta o lugar da maior abstração e libertação, o espaço de descontrolo por primazia genética, onde o Homem ainda é só, só.

Carlo Carrà [figura gravítica do Futurismo] acrescentará um r ao seu nome e logo este perdera a sua potência de nome para dar espaço a sua potência de ação. RRRRRÁ. Carlo Carrrrrrà.

Aquilo que os futuristas sabiam, mas a cidade lhes encarregou de encobrir, era que o maior dos zumbidos alucinantes, a maior das velocidades, prospeções e possibilidades, a maior das metafísicas, estava nas florestas e não ali.

Sérgio Leitão é um artista dos que ainda não cessa de ir mais longe, de acumular, somar, aprofundar, sem com isso se deixar explodir na experimentação, no fluxo, na criação. Aquilo que um artista, artista, pode ser, e ele o é, é pensante, pensador, gravador, filósofo, um artista que não encontra só no fazer, encontra no problema do fazer, esticando a corda do fazer.

O eixo mediador e meditante, possibilitador, mas ainda assim sempre intersticial desta exposição, são três textos [LINGVISTA / THE LINGUIST [I-III]].

Três textos e o mito de um outro. Três textos em secções quase claras: princípio meio e fim.

As três páginas destes três textos flutuam na mesma dimensão de todos os outros elementos instalados na galeria, como a imagem por vir, a vida das formas inanimadas através do movimento nos ecrãs, desta mesma forma, as três páginas são além da sua forma gráfica, a forma da boca e da língua. São os fonemas que, pelo exercício, acabaram em signos na folha.

O que paira na forma destas folhas é o som que delas podemos emanar. O som e o corpo do artista. Este exercício surge da prática do artista na aprendizagem de uma língua como também de uma outra linguagem. Ao aprender a língua checa invertendo um filme legendado em checo do Inglês, Sérgio explora, partindo da abstração da linguagem, a aprendizagem de um novo colo de comunicação.

A outra língua quando não conhecida é o indecifrável e por isso o desviante.

O signo e a palavra, do signo à palavra, encontramos um lugar tremendamente vertiginoso onde, do tudo ao nada sabermos, está apenas a sua composição.

A potência dos fonemas nos textos é a mesma das imagens no chão, ao caminhar para o total processo de negação, subversão das imagens, possibilidade das formas, arquivos de arquivos de arquivos, imagens das imagens, línguas das línguas, até às línguas indecifráveis por nós, em todo o lado, Sérgio Leitão está a trabalhar na senda onde nos é ainda possível fugir do capitalismo, neste lugar onde a comunicação ainda está a procurar a sua composição, onde ainda não falamos línguas universais, composições algorítmicas, ritmos casados. Sérgio Leitão oferece-nos a vertigem.

Pensando no nascimento do MIRA, como lugar para a experimentação e exploração dos campos da imagem e seus formatos expandidos, da fotografia à imagem em movimento, a instalação de Sérgio forma-se também nessa potência encontrada na história e genética da fotografia. Uma instalação onde a imagem se esta a formar, a revelar, a conceber, a negar-se,

a possivelmente surgir, onde as imagens surgem como diaporamas, projetam-se, arquivam-se, onde as imagens do real se procuram. Toda esta complexa teia, que cruza várias formas e objetos numa assemblage de materiais, está na base crítica de uma historiografia do universo da fotografia e por si das imagens do mundo contemporâneo.

O fim da experiência deste lugar habitado, poderá encontrar-se na sequência fílmica: TEMPO, TEMPO, STOPPZEIT! KLANGZEITFIGUREN [2021] uma paisagem de cores, linhas e movimentos ópticos, um mantra que poderia ser para Carrá e seus fonemas, para as suas paisagens e animais. Neste filme, onde vemos gráficos de estudos de processos estocásticos [padrão nas teorias e estudos das probabilidades onde o indeterminado se forma a partir de um evento aleatório], Sérgio deixa-nos no último lugar das forças e das ordens, no indeterminado e aleatório onde os fenómenos ocorrem na pausa [STOPPZEIT!] Pausa. Lugares de aleatoriedade como o são os lugares do sono, do ócio, da loucura e do marginal. Deixa-nos num lugar fora das forças. Como no lugar indecifrável da linguagem, como lugar irrevelável das imagens. Nesta instalação, aqui, somos ainda “o céu na boca” para citar Mumtazz e Poppe.

esse grande no descomunal.  
O céu na boca.

Amar amar, amar rrrr [1]

É na língua, ingua, ingu, a, na língua.

## Quem tem medo de exposições, ou a arte de confrontar as nossas próprias expectativas

“Qual é a lógica, a necessidade ou o desejo que provoca mais e mais artistas a trabalhar fora dos limites da sua própria disciplina, definida pela noção de flexibilidade livre e pura estética, encarnada pelo circuito galeria- revista-museu-coleção, e assombrada pela memória dos géneros normativos, pintura e escultura?” [Holmes, 2007]

Esta provocação de Brian Holmes é no meu entender, uma das maiores inquietações dos artistas nos séculos XX e XXI. A questão não procura uma resposta, nem Holmes a está a desvalorizar, talvez esteja a apenas a apontar a problemática ao tentar compreender o que têm em comum tantos artistas de tantas diferentes áreas/práticas, geografias e materialidades.

A obra e prática artística de Sérgio Leitão deambula entre as potencialidades da linguagem visual - a espacialização da palavra - da pintura e da escultura, mas também entre uma certa obsessão pelo fazer (e como fazer), e os despojos disso, ou seja, pelos materiais de criação. Desde o objeto livro que serve de referência literária e conceptual, aos materiais de revelação fotográfica ou de serigrafia, todos os objetos que servem de suporte ao processo artístico podem acabar por tornar-se parte dele. De tal modo que, em alguns casos - e aqui estou a pensar na instalação que esteve na Bienal da Maia 2021, entre setembro e outubro deste ano - o material que serve de suporte para a criação das obras é na verdade um excedente de outras produzidas previamente.

Na exposição ZumZum no Espaço Mira, um texto com três versões em folhas manuscritas de uma apresentação do artista na República Checa parece servir como guião ou como ponto de partida para um discurso expositivo. Numa tentativa de falar em checo, uma língua que desconhecia, leu em português um texto polifónico, usando uma entoação que os checos entendiam. Num exercício de partilha sonora, “LINGVISTA / THE LINGUIST” [2021], em que o que era mais importante para Leitão não era a mensagem transmitida, mas sim a possibilidade real de se fazer entender, fazia com que, por outro lado, ele próprio não percebesse o que estava a dizer. Com esta ação que se tornou na realidade numa performance, Leitão conseguiu revelar a potência e força da linguagem no seu corpo de trabalho, ao mesmo tempo que saiu da sua zona de conforto.

No contexto dessa saída da sua zona de conforto, Sérgio Leitão lida de duas formas possíveis: a primeira é deixar-se entusiasmar, extasiar-se com o novo, o diferente; a segunda é usar a referência do Jaques Rancière para introduzir aqui um mestre ignorante.

Compreender algo com a ajuda de um professor, ou de um sistema de escolarização é algo pelo qual todos passamos [ou passámos] em algum momento da nossa vida: afirmando que fazer uma interpretação através de um conjunto de ferramentas aprendidas à priori condiciona a experiência. Isto é factual, e algo que dificilmente conseguimos mudar, a não ser que tenhamos decidido sair do sistema educativo [algo que a corrente lei não permite].

Esta exposição de Sérgio Leitão funciona como uma proposta de criar mudança nos sistemas de leitura, interpretação e compreensão individuais e coletivos: a partir de um exercício de interpretação, criar extrapolações para esta exposição, ou para todas as exposições alguma vez concebidas.

Num extremo, ela pergunta-nos: o que é uma exposição, o que é uma obra de arte contemporânea, o que é um público? Além de serem questões que me assombram desde que eu própria passei por um processo de formação artística em Belas Artes há cerca de 20 anos, elas não desaparecem do ambiente deste texto, e ficam entranhadas em todos os que a visitam. Na verdade, são coisas partilhadas pela maioria de nós, ainda que não

seja algo consciente: como nos devemos comportar numa exposição, podemos fazer barulho, tocar nos objetos?

De que forma nos relacionamos com um objeto expositivo? O que deve ser esperado do público: que se compadeça do que vê, se emocione e relacione, ou que se distancie de sentimentos enquanto interpreta conceptualmente os objetos [mesmo que não consiga perceber porque são obras de arte].

Os vídeos de Sérgio Leitão presentes em ZumZum apontam ampliações de outras obras, as imagens pixelizadas das capas dos livros são apresentadas com movimentos de zoom in/out, onde diferentes variações cromáticas apontam texturas, sensações térmicas, impressões sonoras, ao mesmo tempo que fazem uma viagem pela história das imagens: imagens que não são as iconografias que estamos à espera, mas sim ampliações máximas delas, evocando um minimalismo visual que muito interessa ao artista.

O potencial criativo de uma imagem raramente chega a ser alcançado na arte contemporânea porque é facilmente abandonado ou substituído por algo novo. No caso de Leitão, a imagem pode resistir, regressar ou transformar-se, assim como aparecer com todas as falhas, variações, erros, ruídos, no fundo, gralhas que humanizam o processo criativo e aproximam o artista do público. Muitas vezes estas tentativas são compreendidas como demasiado reveladoras: o artista que se expõe corre o risco de ser desvalorizado.

Se tivesse que pensar num tema para esta exposição, diria que o conhecimento - a procura do conhecimento - é o único elemento transversal, no sentido em que formas de conhecimento são aqui motivo, matéria e resultado, tudo ao mesmo tempo.

“Não tenho receio de “dilema”, porque fazer arte é um dilema, é um dilema entre teoria e prática, é um problema de posicionamento e uma questão de forma, porque o meu problema - como artista - é: Como posso tomar uma posição? Como posso dar uma forma a essa posição?” [Hirschhorn, 2014, p. 207]

Ou então dilema que, como refere Hirschhorn, é uma condição necessária de fazer arte.

O dilema de como colocar as peças umas a seguir às outras: como condicionar a interpretação final no sentido das questões éticas implícitas em cada um dos elementos apresentados. O dilema de como circular, como seguir de uma obra para outra, porque estas vão deixando subtis apontamentos que se revelam de forma mais ou menos clara perante nós.

Finalmente o arquivo seria outra escolha para tema, motivo ou resultado: o arquivo de Sérgio Leitão que nos recorda imediatamente a imagem de Malraux a olhar o seu Museu Imaginário colocado no chão, e que ao mesmo tempo nos olha a nós.

Revelo ainda uma grande curiosidade em compreender a cadência do tempo desta exposição, que com os seus ZumZums nos remete para ruídos de raspagens, mosquitos esvoaçantes, palavras ditas baixinho nos ouvidos dos entes queridos. Quanto tempo demoraremos a conhecer “ZumZum”? Quanto tempo Sérgio Leitão nos recomendaria dispensar?

Vamos ter que lhe perguntar a ele.

### Referências:

- AAVV [2009], “Art and Contemporary Critical Practice”, eds. Gerald Raunig & Gene Ray, ed. may fly, Londres;  
AAVV [2017], “I Can’t Work like this - A Reader on Recent Boycotts and Contemporary Art”, ed. by Joanna Warsza, ed. Sternberg Press, Salzburg;  
MALRAUX, André [2010] “O Museu Imaginário” [original edition from 1965, France], ed. 70 - Arte & Comunicação;  
RANCIÈRE, Jacques [2010] “O Mestre Ignorante - Cinco Lições Sobre a Emancipação Intelectual”, ed. Pedagogo, Mangualde;